

Neste livro, *Deus e o Mal: O Problema Resolvido*, Gordon H. Clark tornou disponível à igreja a obra mais precisa sobre o tema. Dr. Clark nos mostra que, permanecendo sobre o firme fundamento da Palavra de Deus, temos a resposta para a questão da teodiceia. Tudo diz respeito à base epistêmica. Tendo a Bíblia como ponto de partida axiomático, a existência do mal não é um problema tão grande assim. Deus, totalmente santo e incapaz de fazer algo errado, decreta soberanamente a ocorrência de coisas más de acordo com os seus bons propósitos. E pelo fato de as ter decretado, esse ato é justo. Como declarou o reformador Jerônimo Zanchius:

Portanto, a vontade de Deus é a causa de todas as coisas, mesmo não tendo ela nenhuma causa, pois nada pode ser a causa da causa de tudo... Assim, todo o assunto se resolve, em última instância, no simples desejo soberano de Deus... Deus não tem outro motivo para o que faz senão... sua simples vontade, vontade que em si mesma está tão longe de ser injusta, que é a própria justiça.

— **W. Gary Crampton**

Autor de *O Escrituralismo de Gordon Clark*

*Deus e o Mal* de Gordon H. Clark encara uma das questões mais difíceis da filosofia: como Deus pode ser absolutamente bom e ao mesmo tempo todo-poderoso, considerando-se a existência do mal no mundo? Deus, sendo todo-poderoso, poderia impedir o mal. E, sendo ele absolutamente bom, esperaríamos que desejasse abolir o mal do mundo. A solução de Clark a esse problema antiquíssimo é tão elegante quanto bíblica.

— **Richard Bacon**

Autor de *Em Direção a uma Cosmologia Cristã*

Não existe escrito apologético melhor contra o problema do mal que o livro brilhante, conciso e claro de Gordon Clark!

— **Dr. E. Calvin Beisner**

Autor de *Deus em Três Pessoas*

Gordon H. Clark fornece neste breve relato a solução do “problema do mal”, que muitos (como Antony Flew) evitaram com cuidado ou rejeitaram de imediato, mesmo talvez admitindo sua possível adoção como a causa para remover a questão do mal do arsenal dos cétricos. O ponto é: sendo Deus a origem e o ponto de referência para o que se considera “bom”, tudo o que Deus faz é bom por definição. Clark também refuta a alegação comumente aceita que a defesa do livre-arbítrio é bem sucedida, tomando um caminho muito diferente para a sua resposta. Como em outros de seus escritos, ele demonstra que as objeções dos cétricos podem e devem ser levadas a sério.

Este livro é altamente recomendado por sua clareza e fidelidade à resposta da Bíblia ao mal, sem evitar a questão filosófica central.

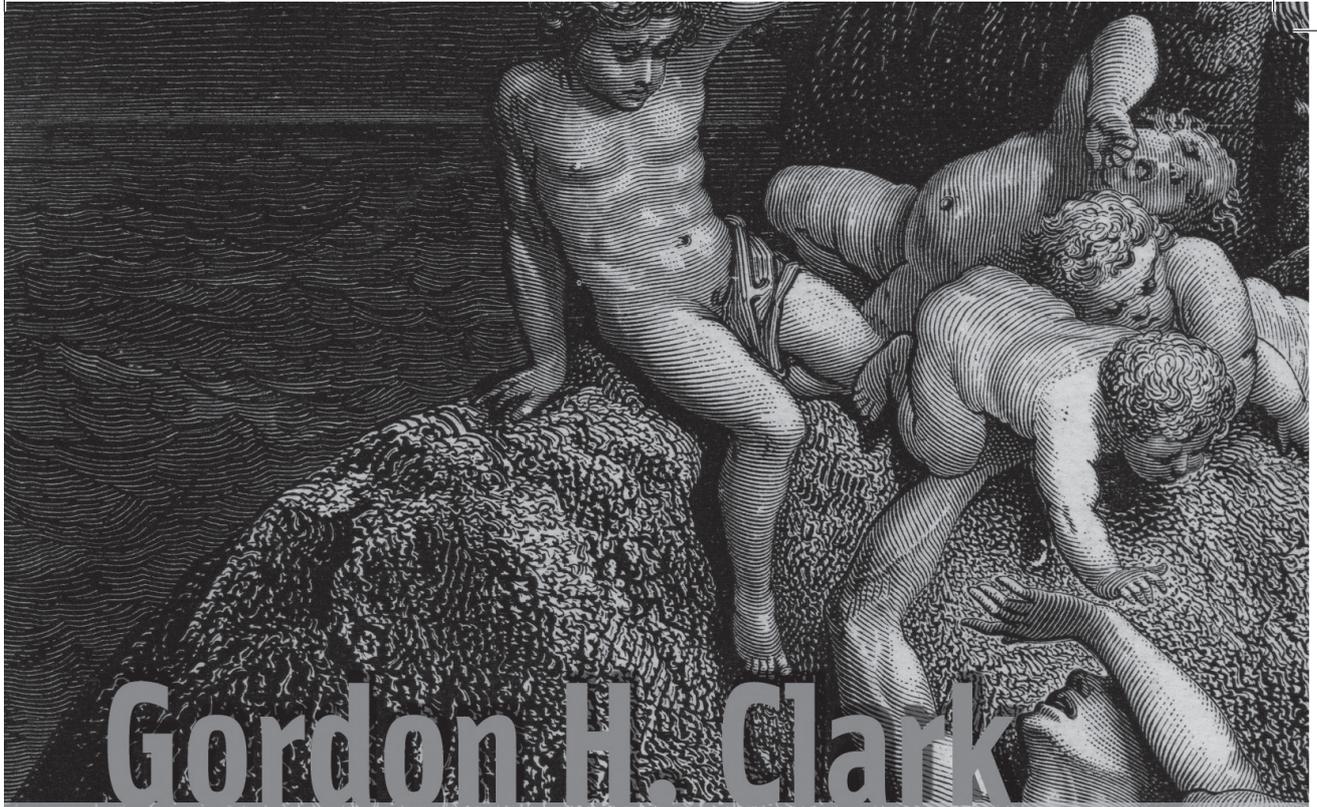
— **R. K. Mc Gregor Wright**  
Autor de *A Soberania Banida*

Ao longo da história da Igreja de Jesus Cristo, a questão sobre a soberania divina e o papel do mal é no mínimo desconcertante. Sendo Deus soberano, isto não faz dele o autor do pecado? O Dr. Gordon Clark apresentou neste livro “Deus e o Mal” uma explicação verdadeira ao ensino da Escritura sobre como devemos entender a soberania de Deus como a “causa eficiente” da transgressão de Adão. Recomendo este livro como a declaração teológica mais precisa a respeito desse assunto.

— **Dr. Kenneth Gary Talbot**  
Presidente  
*Whitefield Theological Seminary*

Gordon H. Clark é um erudito bíblico. Ele escreve sobre um tema de extrema importância em nossos dias. É algo que deveria ser lido por todos os que amam a soberania divina.

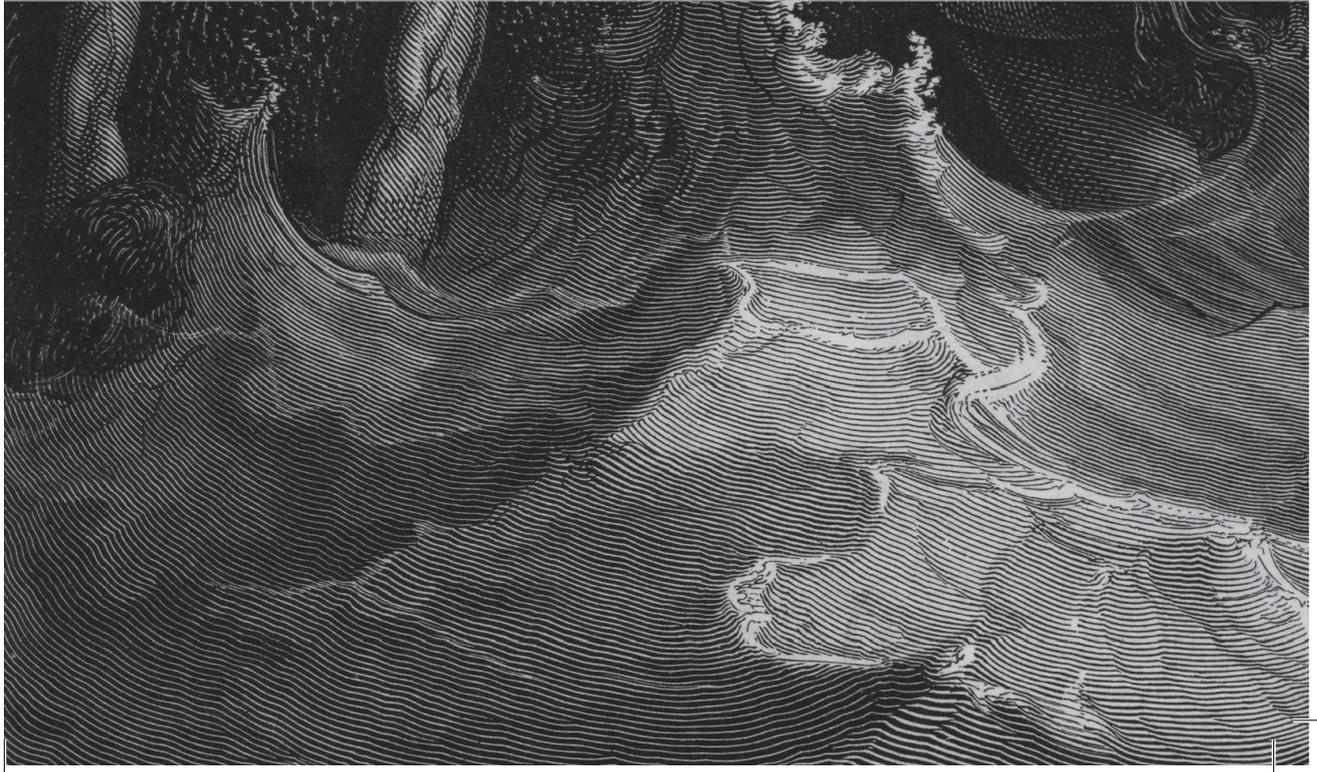
— **Herman Hanko**  
Professor  
*Protestant Reformed Churches in America*



Gordon H. Clark



Deus e o Mal  
*O Problema Resolvido*





**Gordon H. Clark**

**Deus e o Mal**  
*O Problema Resolvido*



**EDITORA  
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © [1996] 2004 Laura K. Juodaitis

Título do original

*God and Evil: The Problem Solved*

edição publicada pela THE TRINITY FOUNDATION

(Unicoi, Tennessee, EUA)

*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por*

Editora Monergismo

SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 — Ed. Salvador Aversa

Brasília, DF, Brasil — CEP 71.200-040

www.editoramonergismo.com.br

2ª edição, 2014 [2010]

*Tradução:* Marcos José Soares de Vasconcelos

*Revisão:* Felipe Sabino de Araújo Neto

*Capa:* Luis Henrique P. de Paula

*Projeto gráfico:* Marcos R. N. Jundurian

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,  
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da  
versão *Almeida Revista e Atualizada Versão Internacional (ARA)*,  
salvo indicação em contrário.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Clark, Gordon Haddon

Deus e o Mal / Gordon Haddon Clark, tradução Marcos  
J. S. Vasconcelos – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014  
[2010].

96 p.; 21cm

ISBN 978-85-62478-47-5

1. Bíblia 2. Teologia 3. Apologética

CDD 230



## SUMÁRIO

Prefácio à Edição Brasileira.....	9
Prefácio .....	15
Introdução .....	19
Exposição Histórica.....	19
Livre-arbítrio .....	25
Teologia Reformada.....	36
A Exegese de Gill .....	48
Onisciência .....	51
Responsabilidade e Livre-arbítrio.....	53
A Vontade de Deus .....	56
Marionetes .....	58
Apelo à Ignorância.....	66
Responsabilidade e Determinismo.....	68
Distorções e Precauções.....	72
Deo Soli Gloria.....	83

## DEUS E O MAL: O PROBLEMA RESOLVIDO

---

A Crise da Nossa Era .....	85
O Absurdo Chegou.....	87
A Igreja Indefesa .....	88
The Trinity Foundation.....	89
A Prioridade da Teologia.....	90
Quanto ao Juízo, Sede Homens Amadurecidos.....	91



## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Com frequência, cristãos insistem em dizer que não têm todas as respostas. Contudo, ao fazê-lo, eles quase sempre se referem a algo explicado com clareza na Bíblia. Mas se a Bíblia aborda um assunto, não temos o direito de falar como se ela não o fizesse. Embora seja verdade que a Bíblia não nos concede onisciência, ela contém mais respostas do que os cristãos costumam admitir.

Um exemplo primário é o chamado problema do mal. Embora várias tentativas tenham sido feitas para mitigar a força do dilema, parece consenso geral entre os cristãos que essas tentativas não são inteiramente satisfatórias, e que o mal é de fato um mistério, algo que não se pode entender ou explicar. Mesmo os herdeiros da Reforma, que se vangloriam da teologia mais bíblica e lógica, recuam com lamúrias sobre paradoxos e contradições. Um teólogo proeminente chamou o pecado de “buraco negro”, e abandonou a tentativa de explicá-lo.

Esse recuo generalizado é inaceitável, pois o problema do mal se apresenta como o golpe fatal contra o cristianismo. Ele sugere que a natureza divina e a existência do mal são logicamente incompatíveis. A ameaça não pode ser subestimada, e um apelo ao mistério é equivalente à rendição. E após um ou dois, ou centenas de apelos ao mistério, como compelir os não cristãos a admitirem que a fé cristã é eminente e obviamente racional?

Mesmo que ignoremos a percepção geral – isto é, mesmo que permitamos Deus ser blasfemado –, a verdade é que ninguém pode verdadeiramente afirmar duas proposições logicamente incompatíveis. A alegação de que a contradição é apenas aparente e não real é irrelevante, pois tão logo se percebe a contradição, não se pode afirmar as duas proposições. A natureza da contradição é tal que afirmar um de seus lados equivale a negar o outro, de modo que afirmá-los é também negá-los na ordem inversa, e negar os dois significa afirmá-los na ordem inversa novamente. Assim, afirmar os dois lados da contradição é não afirmar nada, ou algo pior. É um exercício sem sentido.

Se a natureza divina e a existência do mal são de fato mutuamente excludentes, os cristãos devem abandonar a crença em Deus ou atribuir o mal à mera ilusão. Qualquer destas opções é uma rejeição da fé cristã. Se afirmar Deus é negar o mal, e se afirmar o mal é negar Deus, então afirmar Deus e o mal é negar o mal e Deus, o que significa afirmar Deus e o mal, e assim por diante *ad infinitum*. Portanto, quem alega afirmar Deus e o mal, mas alega notar uma contradição entre os dois, ou é mentiroso, pois na verdade afirma apenas um deles, ou é tolo, e não sabe o que diz.

Além do mais, um apelo ao mistério é inaceitável, pois a Bíblia explicitamente nos informa sobre a origem e o propósito do mal. Assim, o apelo ao mistério sugere ou ignorância ou rejeição da explicação bíblica. Nesse caso, o clichê “Não temos todas as respostas” está longe de um reconhecimento humilde da limitação humana; trata-se na verdade de uma recusa em ouvir Deus. Pelo fato de a Bíblia oferecer

a resposta satisfatória do ponto de vista intelectual, ético e psicológico, a humildade demandaria seu aprendizado e sua aceitação pelos cristãos.

Portanto, a única abordagem correta é mostrar que o chamado problema do mal apresenta um falso dilema, e que não existe nenhum mistério aqui, nenhum paradoxo, nenhuma antinomia, nenhuma contradição entre os dois, e que é possível afirmar a existência de ambos de forma coerente.

Mais uma vez, o dilema refere-se à alegação que a natureza divina e a existência do mal são incompatíveis. Como argumento, ele é colocado de várias formas, mas a ênfase central permanece a mesma. Por exemplo: “Se Deus é amor, como pode existir o mal?”. Ou, “Se Deus é amor, ele desejaria eliminar o pecado, mas ele não o eliminou”. O mal natural também é incluído nessa linha de pensamento: “Se Deus é amor, como ele pode causar ou permitir esse desastre que matou cinco mil pessoas?”.

Tenha em mente que o argumento supostamente revela uma contradição *na* cosmovisão bíblica. Isso significa que as definições para todos os termos-chave, incluindo amor e mal, devem vir da própria Bíblia. O argumento não alcançaria seu objetivo se mostrasse que o conceito cristão de amor é incompatível com a ideia não cristã de mal ou vice-versa. Isto apenas significaria uma discordância entre cristãos e não cristãos – algo redundante num debate em que não cristãos apresentam argumentos para desafiar a fé cristã. Antes, para demonstrar a incoerência de uma cosmovisão, todos os termos-chave devem ser tomados dessa cosmovisão.

Dito isso, a Bíblia jamais sugere que por causa do seu amor, Deus deve eliminar todo o mal, muito me-

nos fazê-lo de uma só vez. Na verdade, Deus preservará o mal para sempre no inferno e nos demônios e pecadores que devem suportar sofrimento sem fim ali. Haverá apenas um dilema caso a Bíblia afirme, por um lado, que Deus deve eliminar todo o mal, e, por outro, que ele não elimina ou não vai eliminar o mal. Mas não haverá um dilema caso a própria Bíblia ensine, por um lado, que Deus não eliminará o mal, e, por outro, que ele vai preservar o mal, e então chamar *esse* um Deus de amor. Evidentemente, a Bíblia define amor divino de uma forma que pode acomodar isso. É inútil se queixar dizendo que um conceito antibíblico de amor divino não permitiria isso. O que é bíblico obviamente contradiz o que é antibíblico, mas isto não mostra nenhuma inconsistência *dentro* do sistema bíblico.

Não importa a forma que o desafio assume, ele pode ser refutado da mesma maneira. Ele nunca chega ao ponto de mostrar alguma contradição interna na visão bíblica, e, portanto, não tem relevância. Ele continua repetindo que um termo antibíblico é incompatível com um termo bíblico, e às vezes ambos os termos são antibíblicos, e que de alguma forma isso deve causar problemas à fé cristã. Ora, *isto* é um mistério!

Como um argumento contra a fé cristã, o chamado problema do mal jamais pode ser proposto de forma inteligível. Assim, não existe objeção para os cristãos responderem. Poderíamos continuar exigindo que os não cristãos consertem o argumento, e nunca sermos forçados a ajudar. Todavia, nossa resposta não é totalmente negativa. É de fato possível discutir a existência do mal de acordo com a revelação bíblica, mas apenas como um tópico na teologia cristã, e nunca como um problema para ela. A Bíblia

ensina que Deus é soberano sobre todo pecado e todo mal, e em amor pelos seus escolhidos, ordenou isso para demonstrar a sua paciência e ira, e mostrar a sua glória e justiça.

O argumento a partir da existência do mal não é um embaraço para a fé cristã; antes, é uma plataforma para os cristãos atacarem aqueles que ousam levantá-lo. Os pecadores se consideram informados e inteligentes, mas Paulo escreve que, embora se considerem espertos, eles são tolos. O uso desse argumento é um elemento de evidência demonstrando que os não cristãos são irracionais, desinformados e preconceituosos. Esse problema do mal circula entre os homens não porque a fé cristã é inconsistente, mas porque os não cristãos pensam absurdos. Da próxima vez que um não cristão confrontá-lo com esse argumento, não tema. Antes, regozije-se, pois o Senhor lhe deu a vitória. Ele entregou o adversário em suas mãos.

O tratamento de Gordon Clark ao assunto é uma joia rara. Enquanto outros recuam e são transigentes, cedendo ponto após ponto, ele enfrenta o desafio com conhecimento e precisão. Ele mantém a natureza de Deus constante e explica todas as outras coisas por meio dela. Esta é a única abordagem correta, e resulta numa resposta que não pode ser questionada. No processo, ele interage com vários teólogos e filósofos, chega a definições apropriadas para termos cruciais, e responde as objeções. A exposição é de forma geral tão excelente que torna quase todas as outras tentativas supérfluas.

Vincent Cheung  
Boston, Massachusetts  
*Outubro de 2010*





## PREFÁCIO



Uma das constantes objeções ao cristianismo é o problema do mal.

Tal problema pode ser definido assim: Se Deus é absolutamente bom, e se Deus é onipotente, por que razão há pecado e sofrimento no mundo? Se Deus fosse absolutamente bom e onipotente, ele livraria o mundo do mal, ou, melhor ainda, não teria permitido que o pecado e o sofrimento tivessem surgido antes de tudo. Mas, uma vez que o mal existe, deve ser porque

- (1) Deus não é absolutamente bom, mesmo sendo onipotente, e, portanto, ele não deseja acabar com o pecado e o sofrimento; ou
- (2) Deus é absolutamente bom, mas não é onipotente, e, portanto, ele não pode livrar o mundo do pecado e do sofrimento, não importa quão bom ele seja; ou
- (3) Deus não é absolutamente bom nem onipotente, e, portanto, ele não quer nem pode livrar o mundo do mal; ou
- (4) Deus não existe em nenhuma hipótese; ou
- (5) há mais do que um deus, nenhum deles é onipotente, e um ou mais deles deve ser mau; ou
- (6) Deus é impessoal e a inteligência ou propósitos atribuídos a ele são uma falácia ridícula.

“  
Tal problema  
pode ser definido  
assim: Se Deus  
é absolutamente  
bom, e se Deus é  
onipotente, por que  
razão há pecado  
e sofrimento no  
mundo?”

Seja qual for a alternativa escolhida, a existência do Deus da Bíblia é contestada (conforme o argumento), pois a Bíblia fala de um Deus que é igualmente bom e onipotente.

Os teólogos vêm tentando responder esse argumento durante séculos e têm apresentado dois contra-argumentos: Primeiro, negam a existência do pecado e do sofrimento, o que, obviamente, contradiz a Bíblia. Segundo, afirmam que o homem tem livre-arbítrio, o que também contradiz a Bíblia. O argumento do livre-arbítrio é a solução proposta com mais frequência para o problema do mal, mas na verdade ela procura resolver o problema concordando com uma das alternativas do problema: O argumento do livre-arbítrio admite que Deus não é onipotente, pois o livre-arbítrio pode verdadeiramente frustrar a vontade de Deus. O argumento do livre-arbítrio é na verdade a capitulação diante do incrédulo e a concordância com ele, pois, assim como o incrédulo, o defensor do livre-arbítrio adota um deus que pode ser bom, mas não é onipotente, e, portanto, não é nem pode ser o Deus da Bíblia.

Ora, há uma solução para o problema do mal e ela tem olhado diretamente nos olhos dos teólogos por milênios. Quase a maioria deles está cega para ela. Tal solução encontra-se nas próprias Escrituras, exatamente na descrição de Deus, a qual o incrédulo torce como um argumento contra Deus. Dr. Clark expôs essa solução num jornal britânico em 1932, quando estava com 29 anos, e a publicou novamente 30 anos mais tarde no seu livro *Religion, Reason, and Revelation* [Religião, razão e revelação], do qual o presente artigo foi tirado.

A solução para o problema do mal só pode ser achada nas Escrituras. Nenhuma outra solução proposta soluciona o problema do mal. O cristianismo falsificado, como o arminianismo e o romanismo, não consegue resolver o problema; na verdade, prova que essas adulterações são realmente falsas. Os seus proponentes não entendem a soberania de Deus nem a origem da lei moral, inclusive os conceitos de bem e mal, nem o fundamento para a responsabilidade humana. Consequentemente, o incrédulo, brandindo o problema do mal como arma, tem aniquilado o arminianismo e o romanismo.

Mas o problema do mal não tem poder contra o cristianismo bíblico, que nega os pressupostos sobre os quais o argumento se alicerça: (1) que o conceito de bondade faz algum sentido à parte de Deus e é de certo modo superior a Deus; (2) que Deus é benevolente com todas as suas criaturas; e (3) que as atitudes de Deus, por definição, não são justas, retas e boas. Uma vez compreendida a doutrina bíblica de Deus, o problema do mal é visto apropriadamente como um argumento que aniquila deuses menores, deuses falsos, mas é incapaz de sequer de arranhar o Deus da Bíblia.

**John W. Robbins**

